

ENSINO SUPERIOR COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO FEMININO: UMA ANÁLISE ENTRE UNIVERSITÁRIAS DA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA.

Geovana Lino de Menezes¹

Resumo

O Presente artigo procura abordar a educação como possível instrumento de empoderamento feminino, antes de tudo está temática é pertinente em nosso cotidiano, por sermos mulheres vivemos em constante (re)afirmação da nossa identidade e capacidade. O estudo dessa temática é algo necessário principalmente com o intuito de (re) conhecer o papel da educação nas relações de gênero. Procurando ver a educação como um pré-requisito para que as mulheres possam tomar consciência de seu poder fortalecendo sua voz ativa para lutar pela equidade de gêneros. Assim, o artigo segue fomentado por inquietações no que se refere à percepção do processo de empoderamento feminino através da educação, se a educação pode ser um instrumento para despertar a consciência das mulheres para as desigualdades de gênero, se o conhecimento auxilia de alguma maneira para vencer a opressão e dominação masculina, se no mínimo alerta a mente para a existência desta subordinação e se a as instituições educacionais podem ser um suporte para conseguir se empoderar perante a sociedade.

Palavras-chave: Empoderamento; Mulheres; Ensino; Universidade.

Abstract

This article seeks to address education as a possible instrument of female empowerment, above all this theme is relevant in our daily lives, as we are women, we live in constant (re)affirmation of our identity and capacity. The study of this theme is necessary, mainly in order to (re)understand the role of education in gender relations. Seeking to see education as a prerequisite for women to become aware of their power, strengthening their active voice to fight for gender equality. Thus, the article continues to be fueled by concerns regarding the perception of the process of female empowerment through education, whether education can be an instrument to raise women's awareness of gender inequalities, whether knowledge helps in some way to overcome male oppression and domination, if at least it alerts the mind to the existence of this subordination and if educational institutions can be a support to achieve empowerment in society.

¹ Graduanda do curso de licenciatura em sociologia pela UNILAB. E-mail: geovanamenezes.gm20@gmail.com.

Keywords: Empowerment; Women; Teaching; University.

Introdução

O presente trabalho tem como grande tema uma discussão que versará sobre relações de gênero e educação. Mais especificamente, tal artigo busca discutir como se dá o empoderamento feminino a partir da inserção de mulheres na vida acadêmica. Neste sentido, esta pesquisa terá como campo empírico a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), em Redenção-CE. A escolha deste campo de pesquisa se deu por dois principais eixos: o primeiro é o fato desta instituição - que iniciou suas atividades no final do ano de 2010¹ - estar instalada no interior do Ceará, especificamente na cidade de Redenção, desta forma levando ensino superior para uma região carente de instituições deste modelo².

O segundo ponto é que neste contexto o corpo acadêmico da UNILAB é composto por mulheres oriundas de países como Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Timor Leste e São Tomé e Príncipe, dando assim, uma gama maior de percepções e vivências para que a pesquisa sobre o Ensino superior como ferramenta de empoderamento feminino possa ser composta a partir de enfoques e perspectivas diversas, neste caso, plurais. Partindo da ideia que, deve-se ter em conta a diversidade dentro do grupo de mulheres, composto por mulheres brancas, negras, índias, trabalhadoras rurais, urbanas, domésticas, jovens, adultas e idosas, cada uma com suas peculiaridades (Haddad; Graciano, 2004).

Nesta perspectiva, os objetivos são o de constituir instrumentos que possibilitem analisar de um ponto de vista mais amplo, o possível processo de empoderamento feminino através da inserção na universidade; e de um foco mais específico compreender o impacto do ensino superior na vida das mulheres que têm acesso a ele, interpretar como se dão as relações de gênero dentro do ambiente acadêmico, colaborar na ampliação da consciência para empoderamento feminino e contribuir para que as mulheres sintam-se capazes e motivadas para intervir em suas realidades. Tendo em vista que na medida em que as mulheres vão obtendo conhecimento, por meio da educação, elas sentem-se motivadas para promover

¹ A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação da República Federativa do Brasil, com sede na cidade de Redenção, estado do Ceará. Foi criada pela Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, e instalada em 25 de maio de 2011.

² O Território Maciço de Baturité com uma área de 3.709 km², tendo como limites ao Norte: os municípios de Maranguape, Guaíba, Pacajus e Chorozinho; ao Sul: os municípios de Choro, Quixadá e Ibaretama ao Leste: o município de Cascavel, e a Oeste: os municípios de Caridade e Canindé

transformações, rompendo com os padrões já estabelecidos que as levem a participar mesmo que inconscientemente de sua própria opressão. Segundo Silva, Pinheiro e Chagas:

Ao tomar consciência de sua presença no mundo e de sua capacidade de perceber e modificar sua realidade, os sujeitos passam a se sentir capazes de vislumbrar caminhos e estratégias ao alcance de sua emancipação social, política e cultural. Percebem ou descobrem – juntos e mediatizados pelo mundo – seu poder de ir mais além do que não imaginariam. (Silva, Pinheiro e Chagas, 2016)

Neste ponto que a educação é um dos meios mais importantes de emancipar a mulher, oportunizando o alcance a um nível maior de consciência sobre seus direitos, capacidades, aumento da autoestima e autonomia, inclusão nas políticas sociais, reconstrução e reafirmação de suas identidades – o que significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres. Como afirma Bourdieu (2012), uma das mudanças mais importantes na condição das mulheres e um dos fatores mais decisivos da transformação dessa condição é, sem dúvida, o aumento do acesso das jovens ao ensino secundário e superior.

Dentro desta dimensão trataremos da universidade como um espaço onde o poder/empoderamento das mulheres seja mais evidente, carregando a afirmação dada por Sen (2001), oferecer às mulheres educação e emprego (de maneira a fortalecer sua autonomia) seria o primeiro passo para aumentar seu poder de voz e permitir sua inclusão em um debate que as excluía. Procurando ver a educação como um pré-requisito para que as mulheres possam tomar consciência de seu poder fortalecendo sua voz ativa para lutar pela equidade de gênero.

CONHECIMENTO COMO PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO

Esta temática antes de tudo é algo pertinente em meu cotidiano, por ser mulher, negra, pobre e sem um nome de pai na certidão de nascimento, sou tão vulnerável à desigualdade de gênero quanto qualquer mulher que exista na sociedade. No entanto, minha condição de submissa e oprimida passou a ser perceptível aos meus olhos somente ao adentrar no ensino superior, onde tive recursos analítico-teóricos para começar a entender as relações de dominação e me ver como mais uma mulher atravessada por um sistema hierárquico patriarcal, o qual nos inferioriza pelo simples fato de ser mulher. Desta forma, passei a procurar maneiras para subverter a ordem imposta e desnaturalizar o cotidiano, conforme explicita Gohn (2004): o empoderamento individual tem como indicadores, a autoestima, autoconfiança e autoafirmação.

Considero que se aventurar por caminhos ainda desconhecidos pode ser assustador e requer força de vontade para lutar pela equidade entre homens e mulheres, porém acredito que um indivíduo desempoderado não conseguirá mecanismos espontaneamente, é necessário o auxílio de agentes externos e, no meu caso, foi a universidade. Ou em outros termos, por meio da educação.

Acredita-se que a universidade seja mediadora no processo de emancipação e empoderamento das suas estudantes, possibilitando o aumento da autonomia e da liberdade através dos conhecimentos adquiridos e de suas vivências no meio acadêmico, colaborando para que haja uma revisão de papéis e de sentidos na produção da vida cotidiana. Maia e Silva (2016) afirmam:

As mulheres que se empoderam através da educação são aquelas que veem a escola não apenas como lugar para credenciar-se ou aprenderem, mas também como espaço de convívio social e de promover a resiliência. Frequentando a escola pode-se mudar de status, tornarem-se estudantes, encontrar colegas, conviver com outras pessoas, modificando o seu meio e conseqüentemente o de sua família e de sua comunidade. (Maia e Silva, 2016, s/p)

Neste viés, procuramos por meio da compreensão da percepção, ações e subjetividade das mulheres entrevistadas, alcançar o foco desta pesquisa – o processo de empoderamento supostamente adquirido por mulheres através do acesso ao ensino superior. E assim contribuir de maneira positiva para os estudos sobre relações de gênero e empoderamento feminino, na área sociológica.

Este estudo pretende dar uma contribuição para o processo de empoderamento feminino utilizando a universidade como um instrumento para tal. Construindo uma relação viável entre a instituição e as mulheres através de debates acerca da questão de desigualdade de gênero dentro do âmbito acadêmico e fora dele. Produzindo conhecimento sobre a situação da mulher dentro da universidade, demonstrando as trajetórias, ao mesmo tempo que destacarei os desafios mais pertinentes encontrados.

Atentando para a importância feminina na universidade, nisso pretendemos que esta pesquisa tenha certa contribuição na tomada de consciência da mulher para notar que o empoderamento através da educação é possível, fazendo assim com que este estudo seja um meio viável que aguça e motiva as mulheres para que sejam capazes de intervir em sua realidade social, buscando alternativas para alcançar a minimização desse sistema patriarcal e conseguir a equidade entre os gêneros.

No caso da Unilab podendo abordar a temática de empoderamento em vários âmbitos por ser uma universidade que proporciona o encontro de diferentes nacionalidades e culturas, as especificidades são muitas, desde a situação feminina relacionada a classes sociais, cor, etnia, religiões, dentre tantos outros marcadores.

A UNIVERSIDADE EM DIÁLOGO COM O EMPODERAMENTO FEMININO

A pesquisa segue fomentada por inquietações no que se refere à percepção do Ensino superior como ferramenta de empoderamento feminino, se para outras mulheres a universidade foi o “choque de realidade” que despertou sua consciência para as desigualdades de gênero, se o conhecimento aos auxiliou de alguma maneira para vencer a opressão e dominação masculina, se no mínimo alertou para a existência desta subordinação e se a universidade foi um suporte para conseguir se empoderar perante a sociedade. Segundo Jaquette (1984, apud Martins, 2003) a internalização por parte das próprias mulheres de limitações ao acesso e exercício do poder constitui um dos principais desafios às dinâmicas de empoderamento, revelando-se crucial a autoconscientização da subordinação de gênero pelas mulheres como passo importante de transformação do seu papel social. Lisboa (2008) aponta:

O primeiro passo para o empoderamento deve ser o despertar da consciência por parte das mulheres em relação à discriminação de gênero: reconhecer que existe desigualdade entre homens e mulheres, indignar-se com esta situação e querer transformá-la. Para se empoderarem, as mulheres devem melhorar a auto-percepção que tem sobre si mesmas, acreditar que são capazes de mudar suas crenças em relação a submissão e despertar para os seus direitos. (Lisboa, p. 03. 2008)

A universidade é um espaço voltado para a obtenção de conhecimento, onde tem uma participação primordial na vida daqueles que a frequentam, podendo exercer um papel positivo ou negativo, isso depende de inúmeros fatores, dentre eles o relacionamento entre gêneros em todos os setores da universidade, pois sabemos que as universidades podem ser instituições reprodutoras da estrutura machista existente na sociedade, mas partimos da hipótese que a universidade também pode ser uma ferramenta que contribui para a construção social e política da mulher dentro da sociedade e, através disso, dar instrumentos para que as mulheres consigam se impor diante da dominação masculina e - com sua formação acadêmica - consigam desempenhar um papel de mudança em sua vida, e possivelmente servir de inspiração para as demais mulheres.

Partindo da premissa que as relações de gênero geram condições quase sempre desfavoráveis às mulheres e que estamos inseridos em uma sociedade patriarcal, onde predomina valores e condutas masculinizadas, sempre haverá segundo Bourdieu (2012), uma relação entre dominador e dominado, e no caso de sociedades que invariavelmente se organizam simbolicamente ou explicitamente por dominação masculina, haverá sempre submissão feminina.

Esta subalternidade, determinante na condição feminina, é fruto do seu papel de gênero, onde existe uma relação de domínio e subjugação do masculino sobre o feminino. Muitas destas mulheres são submetidas fortemente a uma opressão e infringidas a uma coerção social, e nem percebem que são vítimas desta dominação e acabam por vezes disseminando a desigualdade entre gêneros, sem ter consciência de que fazem parte do gênero dominado. Como observa Bourdieu:

[...] Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado [...] (Bourdieu, 2012).

A falta de conhecimento pode ser uma fonte para que se continue a propagar as desigualdades entre gêneros, fazendo com que as mulheres continuem internalizando essa dominação como algo natural. Assim, a dominação masculina encontra um de seus melhores suportes no desconhecimento, que favorece a aplicação ao dominante, de categorias de pensamento engendradas na própria relação de dominação (Bourdieu 2012), desta maneira, fazendo com que a mulher não possua a percepção que sofre distinção por ser do gênero feminino e passe a se conformar em saber que mulheres são sempre menos remuneradas que os homens, que não obtêm avanços na carreira, que são relegadas aos cargos desprovidos de poder, dentro de uma série de fatores que as põem fora do espaço da participação, representação ou influência na sociedade, as colocando como dependentes do homem, na maioria das instâncias.

Segundo Bourdieu (2012), excluídas dos jogos do poder, elas são preparadas para deles participar por intermédio dos homens que neles estão envolvidos. De todos os fatores

de mudança, os mais importantes são os que estão relacionados com a transformação decisiva da função da instituição escolar na reprodução de diferenças entre gêneros, tais como o aumento do acesso das mulheres à instrução e, correlativamente, à independência econômica e a transformação das estruturas familiares (Bourdieu, 2012).

No entanto, as formas como essa conscientização se dá não segue um mesmo caminho para todas as mulheres, mas a crença por parte das próprias mulheres nas barreiras ao seu acesso e exercício do poder se estabelece como um dos principais desafios ao processo de empoderamento, sendo assim a autoconscientização da subordinação de gênero um ponto crítico para a transformação social (Martins, 2003).

Neste ponto que colocamos o ensino superior como uma possível ponte para que haja o empoderamento feminino, destacando especialmente que se as mulheres não tiverem acesso a uma formação escolar de qualidade, elas estão sujeitas a condescender com as desigualdades de gênero e ficar à margem de sua própria vida. Por isso, é de extrema importância que as mulheres possam enfrentar a subalternidade histórica que marca o gênero feminino e busque meios para conseguir a equidade entre os gêneros. De acordo com Baquero:

O diálogo não se constitui em mera verbalização de palavras e não tem como objetivo a transferência de conhecimento especializado, mas problematizar a forma oficial do conhecimento, questionando as relações dominantes que o produziram. Dessa forma, envolve um processo de contestação e redescoberta do conhecimento. O diálogo está a serviço de uma educação para a emancipação. (Baquero, p.182 2012)

Mulheres com níveis educacionais mais altos em geral têm mais habilidade de melhorar a própria qualidade de vida e a de suas famílias. Dentro do espaço da universidade é um lugar propício ao diálogo e desconstrução de pensamentos e ensinamentos enraizados ao longo do tempo pelas estruturas sociais patriarcais, um ambiente onde começamos a nos questionar e procurar formas de reverter a situação de dominação e opressão em que nos encontramos.

A partir do exposto, pretende-se com esta pesquisa aglutinar alguns indícios para os seguintes questionamentos, para além dos que já foram expostos. Qual o posicionamento das estudantes sobre questões relacionadas ao empoderamento feminino? A universidade é um ambiente que propicia este empoderamento? Existe, dentro da universidade, diferenças exercidas em detrimento das relações de gênero? Mulheres que escolhem cursos tidos popularmente como “para homens” sofrem algum tipo de discriminação? Qual processo necessário para a tomada de consciência sobre a necessidade de se empoderar perante a

desigualdade de gênero? O fato de estar em uma instituição de ensino superior as fez adquirir ou fortalecer o sentimento de poder/empoderamento?

CONCEITUANDO O TERMO EMPODERAMENTO

De acordo com o que se propõe, qual seja, analisar o processo de empoderamento feminino através da universidade, o referencial teórico estará delimitado através do conceito de empoderar. Para conceituar o termo utilizaremos a contextualização de Martins (2003), que refere que a palavra empoderamento encontra suas origens no termo da língua inglesa empowerment; e, no sentido de processo, seu uso tem-se ampliado respectivamente na língua espanhola (empoderamento) e portuguesa. Mesmo sendo um termo que tem origem inglesa, o empoderamento é uma palavra que já vêm sendo usada aqui no Brasil há algum tempo, como esclarece Martins (2003), a edição de 1958 do dicionário Caldas Aulete registra o verbo reflexivo empoderar-se como sinônimo de “apoderar-se, apossar-se”, e o adjetivo empoderado significando “ tornado mais poderoso, crescido em poder”. Já para a autora Maria Glória Gonh:

A categoria — empowerment|| ou empoderamento, tanto poderá estar referindo-se ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades - no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotado de uma visão crítica da realidade social); como poderá referir-se a ações destinadas a promover simplesmente a pura integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, atenção pessoal etc., em sistemas precários, que não contribuem para organizá-los – porque os atendem individualmente, numa ciranda interminável de projetos de ações sociais assistenciais.(Gonh, 2004).

O termo empoderamento chama a atenção para a palavra “poder” e o conceito de poder enquanto relação social. Foucault (1981) assevera que esse poder é relacional e tem, como base, a rede de relações sociais entre pessoas sem a qual os relacionamentos não existiriam, sendo profundamente intrincado com e nas relações econômicas, mas não apenas. Neste mesmo viés, Bourdieu (2012) menciona que ter poder é especificamente mais difícil para as mulheres uma vez que, historicamente e socialmente, o poder da autonomia está nas mãos dos homens.

Como nosso foco de pesquisa é o Ensino superior como ferramenta de empoderamento feminino, atentaremos para os estudos que utilizam esse termo voltado para

o ganho de poder do gênero feminino. No caso específico das mulheres, algumas experiências têm procurado levantar e ressaltar o caráter dos processos de empoderamento que tendem a levar ao desenvolvimento individual e social. (MARTINS, 2003).

As questões sobre empoderamento, e quais as instâncias que o permite acontecer é algo que alguns autores buscam entender, sabendo que as divisões das relações de gênero causam a desigualdade, onde homens possuem mais poder que as mulheres. Partindo desta perspectiva que ainda nos dias atuais as feministas lutam para erradicar as desigualdades de gênero. A discussão sobre o empoderamento das mulheres surge como resultado de muitas críticas e debates importantes gerados pelo movimento feminista em todo o mundo em que se percebeu que as estratégias de desenvolvimento e as intervenções de base não obtiveram um progresso significativo no melhoramento do status das mulheres (MAGESTE, 2008).

Segundo Batliwala (1997 *apud* Mageste 2008), os objetivos do empoderamento das mulheres são desafiar a ideologia patriarcal (dominação masculina e subordinação da mulher), transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero e a desigualdade social (a família, a raça, a classe, a religião, os processos educativos, as instituições, os sistemas, as práticas de saúde, as leis e os códigos civis e os processos políticos) e capacitar as mulheres pobres para que tenham acesso e controle da informação e dos recursos materiais. O conceito de Empoderamento é um termo complexo, de difícil conceituação e com diversas abordagens epistemológicas, que, quando relacionadas, estão ligadas ao processo de criação e socialização do poder.

Na tentativa de avaliar se houve ou não este empoderamento na vida destas estudantes, sabendo-se que estudos sobre empoderamento se referem às mudanças significativas que ocorreram nas vidas de indivíduos que passaram por um processo em que ganharam poder, neste caso a noção de poder fica de acordo com a argumentação de Foucault (1981) que diz “o exercício do poder cria saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder”.

Portanto, torna-se notável que o poder é um aspecto chave no processo de empoderamento, sabendo-se que a dominação masculina é uma forma de manter os privilégios e o poder nas mãos dos homens. Nessa perspectiva o empoderamento feminino não é processo sem obstáculos e pontos crítico. Com esta certeza que buscaremos analisar se através da universidade é possível conseguir o empoderamento feminino.

SOBRE A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa tem a natureza qualitativa, na qual para essa temática é a melhor forma para obtenção de dados. De acordo com Godoy (1995) a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Para isso, realizamos um estudo de campo, dentro da universidade, observando o cotidiano dos estudantes, tanto os participantes diretos da pesquisa, quanto os outros estudantes que de certa forma participam indiretamente, buscando observar a sociabilidade entre os gêneros dentro do espaço da universidade e manter um olhar fiel em relação ao universo de vida cotidiano dos sujeitos analisados.

O tipo de informação que coletamos se refere diretamente ao indivíduo de gênero feminino, para que isso fosse feito da melhor maneira, a pesquisa foi realizada da seguinte forma: no primeiro momento optamos por fazer o estudo tendo como critérios trabalhar com mulheres que fossem estudantes da UNILAB e tivessem nacionalidades distintas, até mesmo para contemplar a diversidade existente dentro da instituição. A técnica utilizada consistiu em informações coletadas através de entrevistas abertas que atendem principalmente finalidades exploratórias, o que auxiliou no detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados com a pesquisa.

Através disso, selecionamos aleatoriamente no ambiente da universidade cinco mulheres que aceitassem participar do estudo, informando o tema, o objetivo e a finalidade da pesquisa. Após uma breve apresentação, iniciamos uma conversa informal sobre o tema da pesquisa para, em seguida, começar uma entrevista aberta, tendo como foco o ensino superior como uma ferramenta de empoderamento feminino. No processo de entrevista, buscou-se não interferir na opinião das entrevistadas.

Por último, avaliamos os dados obtidos e realizamos as transcrições provenientes das entrevistas e no segundo momento, discutimos as observações realizadas com o intuito de descrever os episódios que foram notados. Sistematizamos os principais dados relevantes para entender os questionamentos acerca da pesquisa e documentamos os dados extraídos das entrevistas abertas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para fins de questões éticas as interlocutoras da pesquisa terão a identidade preservada, evitando assim possíveis prejuízos futuros, portanto as entrevistadas foram denominadas de M1 para mulher 1, M2 para segunda mulher e sucessivamente.

QUADRO 1- PERFIL DAS ENTREVISTADAS

ENTREVISTADA	IDADE	ESTADO CIVIL	NACIONALIDADE	CURSO
M1	27	Solteira	Guiné Bissau	Pedagogia
M2	21	Solteira	Angola	Engenharia de energias
M3	24	Solteira	Timor Leste	Enfermagem
M4	22	Solteira	Cabo Verde	Administração Pública
M5	25	Solteira	Brasil	Agronomia

Fonte: Dados obtidos nas entrevistas

Conforme as informações adquiridas na pesquisa, podemos observar no quadro 1 as variações das idades das mulheres foram entre 21 a 27 anos, todas as entrevistadas responderam que o estado civil é solteira, sem filhos, se mantêm na universidade através do auxílio financeiro oferecido pela instituição e ajuda dos pais. As entrevistadas são de nacionalidades e cursos com áreas distintas, dando assim uma diversidade maior para os resultados da pesquisa. Três das entrevistadas pretendem cursar mestrado na sua área.

O EMPODERAMENTO NA VISÃO DAS ENTREVISTADAS

A partir das considerações das entrevistadas referentes ao ensino superior como uma possível ferramenta de empoderamento feminino, foi possível perceber que a entrevistada M1 está ciente da importância de dialogar acerca da igualdade de gênero na sociedade, ela considerou:

Na minha casa mesmo, fui criada com meus irmãos e somente eu de menina, então as tarefas domésticas ficava na minha responsabilidade e da minha mãe, enquanto meus irmãos brincavam na rua ou assistiam tv, eu tinha que terminar os afazeres domésticos para depois ir brincar, mesmo que meus irmãos tinham que ajudar em algo, as coisas de casa, como varrer,, lavar

louças, ficavam por conta das mulheres da casa, nunca achei que aquilo fosse certo, porém não questionava diretamente aos meus pais. (M1, 27 anos)

Nesse trecho da entrevista, direcionamos o diálogo para o fato da família ser uma das bases principais da disseminação da desigualdade de gênero, com isso a entrevistada M1 afirmou: “mesmo com toda dificuldade e sem entender questões de igualdade de gênero minha mãe foi o maior incentivo para que continuasse estudando”. Nesse sentido, todas as entrevistadas relataram uma vivência familiar semelhante a da entrevistada M1, no contexto geral, todas as entrevistadas afirmaram que receberam apoio e que seus responsáveis estimularam para que estudassem e tivessem uma independência financeira.

Ao serem questionadas sobre a questão da necessidade de estudar para ter uma independência financeira as falas das entrevistadas se assemelham com isso destacamos a afirmação da entrevistada M5:

Meu objetivo é conseguir independência financeira e com meu curso isso se torna possível, pois tenho uma profissão definida, e posso entrar no mercado de trabalho, e assim ter estabilidade financeira, depender de outras pessoas, mesmo sendo minha família é algo que não me agrada sabe, prefiro ganhar meu próprio dinheiro. (M5, 25 anos)

Podemos observar a importância que as entrevistadas dão para conseguir uma carreira profissional, demonstrando que essas mulheres colocam na sua formação acadêmica uma perspectiva de alcançar estabilidade e independência.

Considerando também o curso escolhido por cada entrevistada, questionamos sobre como se deu a escolha para definição da sua área de formação, as entrevistadas M1, M3 e M4, afirmaram ter escolhido seus cursos por afinidade, de acordo com as entrevistadas M2 e M5 a escolha de seus cursos se deu por influência da família, porém afirmam gostar do curso que escolheram.

Levantamos o questionamento de como se dá a relação de gênero dentro e fora da sala de aula e se elas sofrem com o machismo dentro de seus cursos, entre os relatos, podemos ressaltar o da entrevistada M2:

Eu não sofro diretamente o machismo, mas meu curso é tido como curso para homem, por ser um curso da área de exatas, geralmente é predominado por homens, mas isso está mudando, eu acho que o importante é se dedicar no que você gosta, estudar e dar o seu melhor, mas às vezes você escuta umas fala machista em relação a isso, tem umas pessoas que ainda pensam assim. (M2, 21 anos)

Sabemos que toda a construção social influencia para que certos cursos possuam majoritariamente uma presença masculina, as mulheres foram direcionadas para ocupar espaços em que as características consideradas femininas sobressaem como o afeto, o carinho, a compreensão, cuidado, ocupando assim funções relacionadas a isto, como a área da saúde e das ciências humanas. Por isso chama atenção à auto percepção da entrevistada em relação à discriminação por estar no curso de engenharia que historicamente não deveria “ser o lugar de mulher”.

Constatamos isso quando analisamos as falas das entrevistadas M1 e M3 que fazem respectivamente os cursos pedagogia e enfermagem, elas afirmam que se sentem confortáveis em seus cursos, que não sofrem discriminação em relação à questão de gênero.

Para finalizar nossa entrevista, perguntamos sobre as perspectivas em torno do futuro sendo uma mulher com uma formação de ensino superior. A entrevistada M1 disse, “sou muito guerreira, e quando quero uma coisa vou até o fim buscar, então creio que quando me formar vou ter mais oportunidades de conseguir alcançar meus objetivos, pretendo conseguir mestrado também”. As entrevistadas M2 e M5 estão na mesma linha de resposta de conseguir mestrado na sua área de formação, M2 afirmou, “acredito que tendo uma profissão vou ter mais oportunidades de crescer dentro do mercado de trabalho ”, já para a M5 “assim penso em fazer concurso, mas pretendo continuar estudando, fazer especialização, algo assim”.

Já as entrevistadas M3 e M4 pretendem após se formar trabalhar em sua área de atuação por um tempo e não sabem se pretendem fazer especialização. Para M3 “ter uma profissão me ajuda muito porque sei em que quero trabalhar então, é isso que espero, me formar e começar a trabalhar”. De acordo com a entrevistada M4 “ter uma profissão é importante hoje em dia, porque cada vez fica mais difícil conseguir trabalho, ainda não sei se vou seguir para especialização, mas pretendo trabalhar logo, e depois decido isso”.

Cada uma das entrevistadas apontou seu ponto de vista referindo-se a pergunta proposta. Porém podemos observar em suas falas um denominador comum, mesmo contando com as incertezas do futuro profissional, o fato de ter uma formação superior traz confiança, conseguem enxergar oportunidades, vontade de arriscar e a busca para obter um crescimento profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciamos nestes trechos das entrevistas abertas que foram transcritos, relatos que foram obtidos de forma oral, compartilhados por mulheres estudantes da UNILAB e que por

vezes tiveram suas falas silenciadas durante a maior parte de suas vidas; e que enxergam no ensino superior uma oportunidade de mudança.

Notamos após a coleta e análise das informações obtidas nas entrevistas que nas estudantes apresentam em seus discursos traços de empoderamento. Entre os fatores de empoderamento podemos citar que ter instrução e qualificação profissional influencia positivamente as mulheres a ser economicamente ativas e independentes.

Pensar o ensino superior como ferramenta para o empoderamento feminino é compreender que quando a mulher reconhece sua importância, sua capacidade de promover mudanças em sua vida e no meio social que está inserida se tornam possíveis, assim fortalecem sua atuação e participação no mercado de trabalho e nos demais âmbitos da sociedade, além de alertar para a luta pela igualdade de gênero a respeito da mudança nos comportamentos que tendem a naturalizar a hegemonia masculina.

BIBLIOGRÁFICAS

BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. Revista Debates, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** / Pierre Bourdieu. tradução de Maria helena Kühner -11ª Ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável: Território Cidadania Maciço do Baturité – MDA/SDT/CONSAD Fortaleza: Instituto Agropolos do Ceará, 2010. v 1.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. / Michel Foucault. 17ª edição. Rio de Janeiro: Ed. itora Graal Ltda. 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução á pesquisa qualitativa e suas possibilidades. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. Mar/Abr. 1995.

GONH, Maria da Glória. Empoderamento e Participação da Comunidade em Políticas Sociais. Saúde e Sociedade v.13, n.2, p.20-31, maio-ago 2004.

HADDAD, S.; GRACIANO, M. Universalidade, diversidade e especificidade nas políticas públicas para as mulheres. In: A Abong na I conferência nacional de políticas para as mulheres. Brasília, 2004. p.18-21. Disponível em: <www.abong.org.br> Acessado em: 22 de setembro 2018

LISBOA, Tereza. O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. Florianópolis, 2008.

MAGESTE, Gizelle de Souza.; MELO, Marlene Catarina.; CKANGNAZAROFF, Ivan Beck. Empoderamento de mulheres: uma proposta de análise para as organizações. Belo Horizonte, 2008.

MAIA, Hérgiton.; SILVA, Edvânia. O empoderamento do gênero feminino através da educação escolar numa visão psicanalítica. III CONEDU. 2016.

MARTINS, Clitia Helena Backx. Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2003.

SEN, Amartya. **Desigualdade reexaminada**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record,

2001. UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA

LUSOFONIA AFRO-

BRASILEIRA. Diretrizes Gerais. Julho, 2010.

SILVA, L.; PINHEIRO, M.R.; CHAGAS, N.S. O empoderamento como processo de conscientização e os sujeitos da educação. III CONEDU. 2016.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-

BRASILEIRA. Unilab. 2018. Disponível em:< <http://www.unilab.edu.br/>> acessado em: 01 de outubro 2018